

RELATO DE EXPERIÊNCIA

ENTRE UR E ZURIQUE: A TRILHA DO FOGO ETERNO

José Elidio de Queiroz Junior¹

Há viagens que não se fazem apenas com os pés, mas com a alma. Quando pisei na antiga Mesopotâmia, tive a nítida sensação de atravessar o tecido do tempo. As areias, que pareciam adormecidas há milênios, sussurravam histórias que nenhum livro poderia conter. Eu não estava apenas visitando ruínas: estava caminhando por dentro das páginas da Bíblia.

Há uma sensação indescritível quando se pisa em terras antigas, pois cada pedra parece sussurrar histórias silenciadas pelo tempo; o vento que toca o rosto carrega o eco das vozes dos profetas. Os olhos não veem apenas pedras e areia, mas o cenário onde o eterno se fez história. É como se o Espírito removesse o véu do tempo e permitisse que a alma testemunhasse o invisível, um encontro entre arqueologia e eternidade, entre o pó e a glória.

De repente, lugares ganham vida. O chão onde os pés pisam torna-se o mesmo que um dia recebeu passos sagrados. A mente tenta compreender o mistério, mas o coração é quem sente o estremecer da revelação: não estamos apenas diante de ruínas, mas diante de memoriais da fé. É como se o próprio Deus, com delicadeza divina, dissesse: “Aqui caminhei com o meu povo, e aqui continuo a caminhar contigo”. Nesse instante, o visitante se torna peregrino, e a jornada se transforma em adoração silenciosa.

Ademais, existe algo profundamente espiritual e misterioso em perceber que as páginas da Bíblia não são apenas para ler, mas para viver. Caminhar por dentro delas é entender que o Deus que falou no passado ainda fala hoje; que o pó das antigas promessas continua fértil para quem crê. As ruínas não são o fim: são testemunhas da fidelidade de um Deus que nunca foi ruína. E enquanto o sol se põe sobre as pedras milenares, a alma desperta para a maior verdade

¹ Pastor Batista; Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE); Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR); Viajante das terras bíblicas. E-mail: pr.elidioqueiroz@gmail.com.

de todas: as Escrituras não são apenas lembranças: são caminhos vivos, e quem por elas anda, caminha na eternidade.

Quando cheguei em Şanlıurfa, antiga Ur dos Caldeus, o ar parecia carregado de lembranças divinas. Dizem que Abraão nasceu aqui, e é como se cada pedra ainda guardasse o eco de sua partida. Naquela terra, o fogo da fé se acendeu pela primeira vez. Ur, a cidade dos astros, da luz e do fogo, viu erguer-se um homem que decidiu seguir uma voz invisível. O brilho das antigas zigurates parecia querer competir com a luz de Deus, mas foi o fogo invisível da obediência que incendiou a história. Ali compreendi: fé é quando o invisível se torna mais real que o visível.

Segui viagem rumo a Haran, onde o vento frio parecia soprar entre as tendas antigas de Terá. Cada pedra, cada sombra, parecia murmurar: “Nem todos os que partem chegam, mas todos os que obedecem encontram”. Foi em Haran que percebi que a jornada da fé é feita de esperas longas e de promessas que florescem no deserto.

De Haran, avancei até Padã-Arã, onde as histórias de Jacó se entrelaçam com as águas e o silêncio do oriente. A terra parecia pulsar com o som distante das bênçãos e lutas: o eco de um Deus que transforma fugitivos em patriarcas.

Ao atravessar o Eufrates, senti-me como quem cruza um limite invisível: deixava para trás o mundo das origens e adentrava o território da missão. O mesmo rio que um dia Abraão atravessou, eu o cruzava agora, não com rebanhos, mas com memórias, com perguntas e com um coração em chamas.

Segui, então, rumo à terra de Tarsus, berço de Saulo, o apóstolo que transformou o mundo. Caminhar por Tarsus é ouvir o som distante de pergaminhos se abrindo, de argumentos se elevando, de vidas sendo viradas do avesso. Aquele solo parecia vibrar com as palavras: “Ai de mim se não pregar o Evangelho”.² Era como se a própria terra respirasse missão.

A rota seguiu pelos antigos caminhos da primeira viagem missionária de Paulo.³ As pedras das estradas da Cilícia ainda parecem guardar o peso dos passos apostólicos. Entre as ruínas e os ecos, entendi que a missão não é um destino, mas um movimento: uma sucessão de começos.

² 1 Coríntios 9.16

³ Atos 13.1–14.28

Cada cidade, cada colina, parecia murmurar: “O Evangelho chegou aqui porque alguém partiu de lá”.

Cruzei as fronteiras do Oriente e subi pela Europa, em direção ao norte da Itália. Os séculos se misturavam. As igrejas antigas, as ruas de pedra e as sombras dos mosteiros me lembravam que a fé se fez carne em cada geração. Em cada vitral, uma lembrança de que a luz sempre encontrou uma brecha para atravessar a escuridão.

Por fim, cheguei a Zurique, onde o tempo pareceu dobrar-se diante da eternidade. Entrei na Catedral de Grossmünster, onde um homem chamado Ulrich Zwinglio ergueu a voz como outrora fizeram os profetas. O mesmo Deus que chamou Abraão em Ur e Paulo em Tarsus, agora reacendia a chama da Reforma. Diante daquele púlpito, compreendi que a história da fé é uma só linha: começa com um chamado no Oriente e renasce com um brado no Ocidente.

Ali, em silêncio, senti que havia completado um círculo sagrado — de Ur a Zurique. Da primeira luz da fé à luz reformada da Palavra. Das areias quentes da Mesopotâmia às pedras frias da Suíça, percebi que as pedras ainda clamam, que os rios ainda falam, e que o fogo que começou em Abraão ainda arde.

Minha viagem terminou, mas a jornada não. Pois cada passo foi uma lembrança de que a fé é sempre um movimento: ela parte, atravessa, luta, e finalmente ressurge. E enquanto o vento frio varria as torres de Zurique, ouvi dentro da alma o mesmo chamado que ecoou em Ur: “Sai da tua terra, e vai para o lugar que Eu te mostrarei...”

E compreendi, enfim, que viajar pela fé é caminhar para dentro da eternidade!